

## TESTADO AO VENTO: RELATOS DE ARTICULAÇÃO ENTRE DICIONÁRIO E TRABALHO DE CAMPO COM OS KUIKURO DO ALTO XINGU

### TESTED IN THE WIND: ACCOUNTS ON THE ARTICULATION BETWEEN DICTIONARY AND FIELDWORK WITH THE KUIKURO OF UPPER XINGU

Thiago Braga Sá<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este breve relato de pesquisa procura narrar certas dimensões da apresentação, à comunidade Kuikuro de Ipatse, no Alto Xingu, do primeiro volume do Dicionário Kuikuro, intitulado *Inhanhigü – Cultura Material*. A partir desse relato, busca extrair algumas reflexões sobre esse gênero textual, o dicionário, no contexto de trabalho linguístico e antropológico com populações ameríndias. Trata-se, enfim, de um caso particular de encontro interdisciplinar entre a linguística formalista, enquanto perspectiva de descrição e análise da língua kuikuro na raiz do desenvolvimento desse dicionário, e a experiência etnográfica enquanto campo de empiria. Espera-se, com as reflexões desenvolvidas ao longo do relato, oferecer intuições para transformações e desdobramentos da Linguística e da Antropologia no trabalho com populações originárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kuikuro. Alto Xingu. Dicionário. Cultura material.

**ABSTRACT:** This brief fieldwork account attempts to explore some dimensions of contact between the Kuikuro community of Ipatse, in the Upper Xingu, and the first volume of the Kuikuro Dictionary, entitled *Inhanhigü – Material Culture*. From this starting point, the account moves to reflections about the dictionary as a textual genre in the context of linguistic and anthropological research with indigenous populations. It is, ultimately, a particular example of interdisciplinary encounter between formal linguistics, the descriptive and analytical perspective in the roots of this dictionary development, and the ethnographic experience as a field of empiricism. With the reflections built up in this article, we hope to offer intuitions for new transformations in Linguistics and Anthropology through the work with indigenous populations.

**KEYWORDS:** Kuikuro. Upper Xingu. Dictionary. Material Culture.

#### Introdução:

Trabalhar na organização e lançamento de um dicionário em um contexto de relacionamento com populações que, antes da colonização, não se interessavam por escrita fonográfica envolve uma série de contradições. Ainda que não resolvidas, ou justamente por

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ, sob orientação de Bruna Franchetto. E-mail de contato: [tbraga.sa@gmail.com](mailto:tbraga.sa@gmail.com).

não estarem resolvidas, essas contradições permitem, entretanto, redirecionar a experiência antropológica por caminhos não-previstos.

De maneira mais imediata, está justamente a produção de um objeto cuja própria razão de ser é a estabilização e coagulação do vocabulário de uma língua. Uma lista de palavras, com definições e traduções uniformizadas e que tendem para a univocidade, é, a princípio, uma tecnologia avessa às realidades em que a multiplicidade de perspectivas, mesmo que relativamente controladas ou potencialmente perigosas, é a norma, não a exceção.

No entanto, tecnologias são também instrumentos: mediadores entre sujeitos e produtores de diferentes modos de relação entre sujeitos. Entrar pela primeira vez em uma aldeia kuikuro carregando embaixo do braço uma enorme impressão de um dicionário de sua língua poderia parecer a descrição de uma farsa. Mas o contraste da cena é ainda mais desconcertante quando o dicionário é acompanhado de um convite: “gostaria que vocês o corrigissem comigo”. Não quero aqui, entretanto, romantizar esse encontro. Os moradores de Ipatse, a aldeia kuikuro com quem desenvolvo meu trabalho, estão longe de ser a imagem caricatural dos indígenas isolados e desfamiliarizados com as coisas de *kagaiha*<sup>2</sup>. Não, os Kuikuro foram, por exemplo, os principais agentes, junto com Bruna Franchetto, do desenvolvimento da ortografia de sua própria língua<sup>3</sup>.

Assim, ainda que a escrita não tenha, necessariamente, um papel constante no cotidiano de Ipatse, ela está longe de provocar maravilhamento ou estranheza. Entretanto, enquanto tecnologia produtora de relações entre sujeitos, esse dicionário escrito e impresso, aberto sobre uma mesa na sede da Associação Kuikuro do Alto Xingu<sup>4</sup>, manifestou conversas e interações únicas no contexto do trabalho de campo antropológico.

### **Um pouco do que se fala e dos que falam**

Especifiquemos o contexto: o dicionário aqui referido é a primeira manifestação física de um projeto que vem se desenvolvendo há muitos anos e a muitas mãos. Trata-se de uma das frentes de trabalho da antropóloga e linguista Bruna Franchetto, em parceria com a própria

---

<sup>2</sup> Termo kuikuro que é traduzido superficialmente como ‘branco’, mas que tem como referencial amplo a socialidade não-indígena.

<sup>3</sup> O Kuikuro é linguisticamente categorizado como uma variante da Língua Karib do Alto Xingu, mas é considerada, pelos próprios kuikuro, e por questões que envolvem as relações políticas e a produção de diferenciações sociais na região, como uma língua distinta das outras.

<sup>4</sup> AIKAX, a partir deste ponto.

população kuikuro, e que contou também com o trabalho da linguista Gélsama Mara Ferreira dos Santos e dos antropólogos Gustavo Godoy e Thiago Braga Sá, o autor deste relato. Também colaboraram, e continuam colaborando, Carlos Fausto e Juliano Leandro do Espírito Santo, Ahukaka Kuikuro, Jakalu Kuikuro, Jumu Kuikuro, Ashaua Didi Kuikuro, Amunegi Kuikuro, Jamalui Mehinaku Kuikuro, Mutua Mehinaku, Ivan Kuikuro, Sepé Ragati Kuikuro, Takumã Kuikuro, dentre outros. Ao longo de todo o dicionário, há também contribuições pontuais de diferentes habitantes de Ipatse, e o trabalho de correção referido neste ensaio foi realizado em parceria novamente com Rui Kuikuro, Sepé Ragati Kuikuro e Ivan Kuikuro.

O kuikuro é hoje falado por cerca de 700 pessoas em seis aldeias na região conhecida como Alto Xingu, o sistema multilíngue e multiétnico da área percorrida pelos formadores do rio Xingu, ao sul do Território Indígena do Xingu. Os Kuikuro habitam aldeias ao longo do rio Culuene e entre este e o rio Buriti, desde, pelo menos, a segunda metade do século XVIII.

A Língua Karib do Alto Xingu e, conseqüentemente, o kuikuro, é aglutinante, de núcleo final e ergativa. Sua estrutura silábica é: (C) V. A vogal (V) é o núcleo da sílaba, que pode ou não ser precedida, na sílaba, por uma consoante (C). As sílabas não são fechadas, ou seja, não permitem coda com consoante. O núcleo da sílaba é sempre uma vogal, que pode ser simples, nasal, longa ou ditongo. Um quadro mais detalhado das consoantes e vogais da língua, assim como a descrição de alguns processos fonológicos, como vozeamento, palatalização e assimilação vocálica, foram incluídos também na apresentação do dicionário aqui referido, não apenas como forma de contextualizar e tornar mais compreensível a atual ortografia kuikuro, mas também para tornar a ferramenta-dicionário o mais relevante possível para seu uso na escola indígena kuikuro.

O primeiro volume, que apresentamos em junho de 2022 aos habitantes de Ipatse, tinha ainda um recorte de campo semântico bastante específico – *Inhanhigü*<sup>5</sup> em kuikuro; ‘cultura material’ em português. Esse primeiro volume foi possível através de parcerias com o British Museum e o Staatliche Museen zu Berlin, articuladas pelo antropólogo Carlos Fausto, e chega ao Alto Xingu no âmbito de um projeto de documentação da cultura material kuikuro atual e reflexão sobre objetos da coleção von den Steinen – a cultura material do passado –, de posse do próprio Museu de Berlim<sup>6</sup>. Nosso interesse neste ensaio, no entanto, não é tanto o de relatar

---

<sup>5</sup> Definida pelo próprio dicionário (no prelo) como “obra; artefato; artesanato”. A escolha dessa entrada como título do volume baseou-se, sobretudo, na sua generalidade.

<sup>6</sup> As oficinas de 2022 foram realizadas também com a parceria e colaboração de Andrea Scholz e Thiago Oliveira, do Museu de Berlim.

os percursos e os resultados amplos desses projetos, mas sim buscar extrair algumas considerações sobre o trabalho com o objeto impresso dicionário.

### **Cultura material objetivada e suas representações**

Se a escrita, e sobretudo o gênero de escrita de um dicionário, depende de um congelamento de definições, referências e significados, o próprio ato de escrever – ou, neste caso, revisar o que havia sido escrito – não teria sido possível sem uma certa fluidez de sentidos, sem a passagem constante entre texto e o que está fora do texto, a vida em volta do escrito. Curiosamente, nosso primeiro equívoco, quando convidamos dois professores kuikuro para os trabalhos de revisão desse dicionário, foi justamente o de pensar a revisão como uma atividade *em torno do escrito*, sobre uma mesa, no interior de uma sala. Rapidamente esses dois professores nos fizeram perceber o quanto estávamos, em realidade, isolados: em paralelo, os habitantes de Ipatse estavam envolvidos em uma série de oficinas, no centro da aldeia, em frente à *kuakutu* (‘casa dos homens’) para a fabricação de alguns objetos escolhidos, pelos próprios kuikuro, para a documentação dos projetos museológicos.

**Figura 1:** *Kuakutu* de Ipatse, antes do início das oficinas



**Fonte:** acervo do autor.

Essa percepção de isolamento é ainda desdobrada em pelo menos duas dimensões. De maneira mais imediata, mas não necessariamente simplista, estava o fato de que o pessoal no centro da aldeia estava comendo, e nós, dentro de uma sala que se localiza fora do círculo de Ipatse, não.

Comer, o que está sendo comido e com quem se come têm dimensões particularmente importantes para as relações sociais e políticas do Alto Xingu. De fato, há toda uma ética<sup>7</sup> em torno da alimentação na região que funciona como diferenciador entre *kuge*, ‘gente de verdade’, que não come “carne com sangue”, ou seja, o habitante alto-xinguano arquetípico, e *ngikogo*, ‘índio bravo’, os povos indígenas não completamente integrados à socialidade alto-xinguana e que comem, entre outras coisas, porcos, veados etc. Além disso, como é recorrente entre populações indígenas, a alimentação carrega ainda importância na produção e constituição das pessoas. A comida que os pais oferecem a seus filhos é uma das garantias de que a criança cresça constituindo-se como um humano à maneira de seus pais, e, no Alto Xingu, Guerreiro (2015) é um dos autores que explora esse aspecto da alimentação.

A outra dimensão de nosso isolamento diz respeito mais diretamente ao próprio dicionário. Tudo se passa como se, enquanto as oficinas de produção de objetos e reprodução do conhecimento da produção de objetos eram desenvolvidas no centro da aldeia, a lógica de organização do dicionário se tornava particularmente *desorganizada*. De fato, a organização escolhida para esse primeiro volume apresentado era alfabética e, claro, mesmo com os limites de um objeto impresso, existem possibilidades diferentes de organizar as relações entre entradas. Em língua portuguesa, talvez um dos melhores exemplos de organização não-alfabética e de possibilidades do objeto livro no gênero dicionário é o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (AZEVEDO, 2016).

No entanto, qualquer recorte escolhido para relacionar entradas de um dicionário é sempre em substituição às relações que existem na exterioridade do texto escrito. Um dicionário é, lembremos, a coagulação e a estabilização de uma realidade linguística e social cuja própria natureza é o movimento e a transformação. Assim, não se trata apenas de perceber que, na organização alfabética, as entradas do cipó *tihigu* e da armadilha de pesca *utu* estavam demasiado distantes, porque mesmo em uma publicação que reconhecesse, na sua organização interna, a preparação e a trançagem do cipó na fabricação da armadilha, essa organização ainda seria uma circunscrição, uma delimitação de todos os desdobramentos que acontecem e seguem acontecendo entre *tihigu*, *utu* e as mãos que os trançam.

---

<sup>7</sup> Basso (1995); Heckenberger (2005); Fausto (2020), entre outros autores.

**Figura 2:** *Tihigu* sendo utilizado na fabricação de *utu*

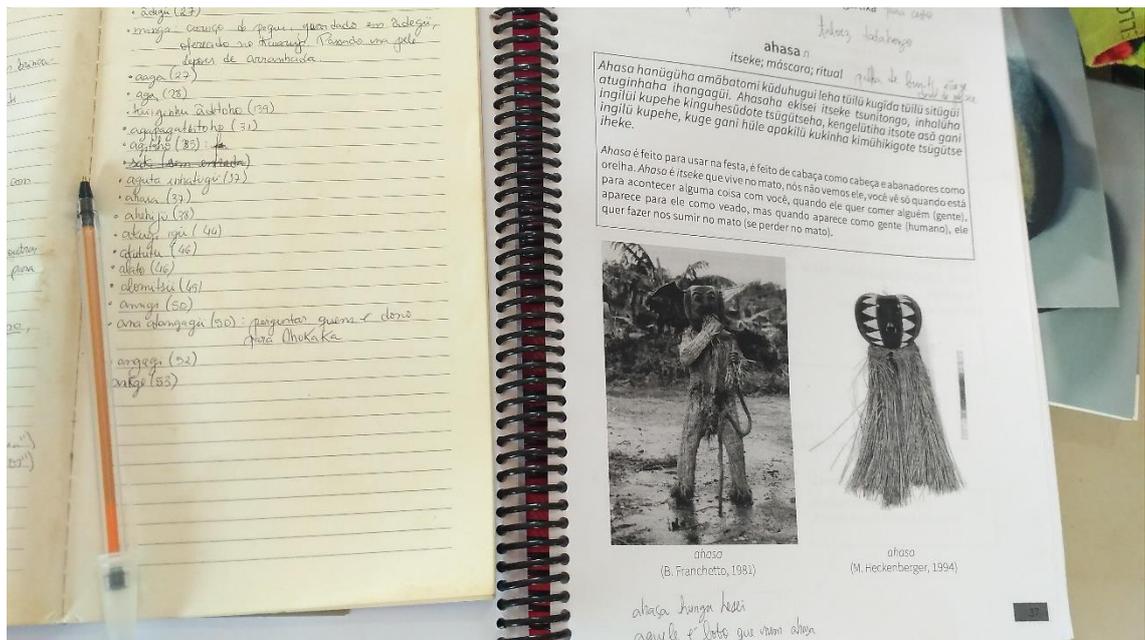


**Fonte:** acervo do autor.

Assim, mais do que tomar o dicionário como centro das interações entre antropólogos e nossos parceiros locais, nossos parceiros nos convidaram a testar o objeto livro contra a poeira, o sol e o vento de Ipatse, a enganchar o dicionário, de forma marginal, às atividades do centro da aldeia. Em outras palavras, não mais corrigíamos o dicionário no ritmo que ele nos exigia: saltávamos entradas e folheávamos o livro na dinâmica das conversas e das oficinas. Tomávamos, enfim, o dicionário não mais como uma substituição ao que não ocorre, mas sim como instrumento de reflexão sobre o que ocorreu, o que se fez e o que se fabricou, e sobre o que ocorrerá.

Essa possibilidade do livro – não mais da representação como substituição, mas sim da representação como projeção – ganharia importância ainda maior nos dias seguintes. Nosso ponto aqui, como esperamos deixar claro, não é o de reforçar o truísmo da insuficiência do texto escrito face a toda a vida que existe para além dele. O ponto é descentralizar a escrita de modo a não a descartar. Especialmente porque, quando algo da vida falha, a representação-projeção do texto pode servir para redirecioná-la.

Figura 3: Anotações de campo do autor sobre o dicionário



Fonte: acervo do autor.

### Quando a vida falha

Nossas oficinas no centro da aldeia estavam previstas para seguir durante toda uma semana, mas duraram apenas dois dias. Fomos surpreendidos, na madrugada do terceiro dia, pelo falecimento de um habitante de uma outra aldeia, também kuikuro, há vinte quilômetros de distância. Esse mesmo senhor havia passado por Ipatse no dia anterior em sua bicicleta, oferecendo para venda alguns tracajás que ele havia pescado.

Morte, tristeza, dor, luto. Como é recorrente nessas situações, todas as atividades públicas e coletivas são suspensas, interrompidas. Espera-se das pessoas, enquanto comportamento ético alto-xinguano, que o centro da aldeia seja evitado, permaneça vazio. Assim, de certa forma, a morte é também uma inversão do movimento desejado da socialidade do Alto Xingu: não mais das margens-casas ao centro, mas de volta aos limites da aldeia, centrifugando a vida social. Com isso, de repente, aquela pequena sala da AIKAX que nos havia inicialmente isolado da dinâmica coletiva é novamente interessante para as atividades de correção do dicionário, é agora adequada ao luto. Além disso, o dicionário passa agora a nos acompanhar ao longo da circunferência de Ipatse. Em paralelo à correção com nossos dois parceiros kuikuro, página a página, visitamos também algumas casas, conversamos com seus

habitantes, registramos os objetos que tinham e que ainda utilizavam, os que conheciam e reconheciam nas fotos do dicionário, corrigimos imprecisões e colhemos novas informações.

Ao contrário do que pareceria à primeira vista, no entanto, o dicionário não substitui as atividades que deixaram de ser realizadas no centro da aldeia. Como havíamos sugerido anteriormente, o regime de suas representações não passa, ou não gostaríamos que passasse, pela noção de substituição, mas sim pela de projeção, ou, nas palavras de Eduardo Kohn (2013), reapresentação. Assim, a função de nosso dicionário, ao longo do trajeto que percorremos, é análoga a do gravador, do caderno de campo, da caneta: colhe e compara impressões, convida ao diálogo por meio de referências mais ou menos partilhadas. Esse diálogo, aliás, não se dá apenas entre a equipe de antropólogas e antropólogos e a população local, mas também entre nossos parceiros *kuikuro*, que nos acompanhavam, e os moradores das casas visitadas. As fotos da coleção von den Steinen e as entradas que simplesmente ainda não tinham fotos permitiam um direcionamento preciso na busca por objetos e, ao mesmo tempo, serviam como um método de elicitación na conversa com os habitantes de Ipatse, com produção de dados que não surgiriam em interações não-estruturadas. Situações como a lembrança, a partir da entrada do dicionário, de objetos esquecidos pelos habitantes das casas foram recorrentes.

Além disso, pudemos explorar aspectos menos transparentes da polissemia de alguns termos. A entrada *agitoho* (ou *ngagitoho*), por exemplo, pode significar o propulsor de dardos utilizado na festa regional *hagaka* (conhecida de maneira mais ampla como festa do Javari), mas também as linhas da palma da mão e o campo de um jogo com bolas de mangaba que, de acordo com nossos parceiros *kuikuro*, quase não é mais praticado. Enquanto tirávamos fotos de um lançador de dardos em uma casa, perguntamos sobre os outros dois sentidos da palavra ao nosso anfitrião. Este nos deu uma aula de como praticar o jogo utilizando sua própria mão esquerda aberta: as marcações do campo eram modeladas a partir das principais linhas da palma.

Por fim, fazer esse percurso pelas casas de Ipatse possibilitou que seus moradores conhecessem o dicionário de perto e com mais calma. No primeiro dia de nossas oficinas, no centro da aldeia, havíamos apresentado e passado de mão em mão o livro impresso, mas agora cada pessoa que se interessasse poderia folheá-lo no seu próprio tempo, em sua própria casa. Afinal, ainda que, durante o campo, a dinâmica de trabalho com o dicionário possa ser comparada com a dinâmica de trabalho com um caderno de campo ou gravador, os destinos desses objetos são diametralmente opostos: o dicionário *kuikuro* pertence, acima de tudo, aos próprios *Kuikuro*.

Nossos parceiros de Ipatse talvez ainda não se sintam donos<sup>8</sup> dessa edição. Ela emerge, sobretudo, da prática de um conhecimento linguístico específico, capaz de descrever, coagular, categorizar e traduzir em meta-estruturas as estruturas móveis da língua. Mas ao final desse processo de correção em parceria com os Kuikuro, acreditamos que a próxima edição será mais deles do que nossa.

### Páginas reordenadas

Como afirmado anteriormente, um dos problemas que o gênero dicionário inevitavelmente apresenta, especialmente um dicionário impresso, é o do recorte de relações que a organização escolhida de entradas estabiliza e/ou deixa de fora. Apesar de incontornável, esse problema pode ser minimizado ou mesmo colocado a serviço das pessoas envolvidas quando é explicitado no trabalho de edição e de organização. Ao longo deste artigo, oferecemos algumas reflexões sobre esse gênero de publicação linguística em contexto de trabalho com populações indígenas, e nos resta agora apenas apontar como a organização do dicionário também foi afetada por essas reflexões e experiências de campo, e quais efeitos novos rearranjos podem ter sobre futuros trabalhos na área.

No processo de tornar-se donos deste dicionário, um dos primeiros comentários que os Kuikuro fizeram foi justamente em relação à organização da publicação. Com base em reuniões com a comunidade, e especialmente com os professores da escola indígena, foi sugerida uma nova divisão interna ao volume: *Kengikogu* e *Kengikōdohogu*. Ambos os termos têm como raiz o morfema /ngiko/, ‘coisa’, e ambos estão marcados com o plural inclusivo /k-/, mas /-engikogu/ é traduzido como ‘coisa’ ou ‘pertence’ – esteiras, armadilhas de pesca, arcos, flechas, potes, cuias, canoas, bicicletas, redes, bolas etc. – e /-engikōdohogu/ é traduzido como ‘adorno’ ou ‘enfeite’ – braçadeiras, tornozeleiras, colares, pulseiras, brincos, cocares, cintos, pendentes etc.

O contraste, que é importante para os Kuikuro e que parece simples à primeira vista, abre no entanto novas questões para o trabalho antropológico: o que são exatamente as máscaras? Sabemos, por exemplo, que elas são consideradas como *itseke*, ou seja, como hiper-

---

<sup>8</sup> A noção de ‘dono’, *oto* em kuikuro, tem uma série de desdobramentos políticos e sociais na região do Alto Xingu que, infelizmente, não cabem neste artigo. Basta dizer, no entanto, que ser dono de algo ou alguém envolve, entre outras coisas, tanto as noções de responsabilidade quanto de participação no seu processo de fabricação ou produção.

seres<sup>9</sup>. Sabemos também que existe uma dinâmica complexa no processo de se tornar dono – *oto* – de um ritual e, conseqüentemente, da máscara-*itseke* que é colocada em movimento. Máscaras são *engikogu* ou *engikōdohogu*? Esses termos continuam fazendo sentido? A discussão se complexifica ainda mais quando comparamos o caso das máscaras com outros objetos. Assim, *ankge*, chocalho, é categorizado pelos Kuikuro como *engikōdohogu*, pois é utilizado em festas e rituais ao lado de outros adornos, como braçadeiras e tornozeleiras. No entanto, *hüati ankgegü*, o chocalho utilizado por pajés em processos de cura, é considerado *engikogu*, um pertence ou instrumento, além de ser também *itseke*.

O ponto aqui, contudo, não é o de explorar as diferenças entre seres e coisas. Que o regime ontológico de diferentes populações indígenas do mundo permita que seres sejam coisas e que coisas sejam seres – e que seres tenham donos – é um fato já descrito e documentado pela Antropologia à exaustão. Afinal, é apenas em uma socialidade profundamente alienada de suas próprias relações de produção e reprodução social, como a nossa, que seres (exclusivamente humanos) aparecem como sujeitos puros, e coisas sejam apenas objetos. O ponto aqui, talvez, é o de tomar a distinção entre *engikogu* e *engikōdohogu*, uma distinção nativa, como estimulador de reflexões sobre como os Kuikuro categorizam suas práticas sociais, ou seja, pensar sobre que coisas os corpos fazem e como os corpos se fazem através das coisas.

Depois de corrigir nosso primeiro volume do dicionário kuikuro com os professores indígenas de Ipatse, e enredando ao gênero dicionário as organizações e reflexões que fazem sentido para a população local, essa é uma questão que esperamos que os próprios Kuikuro respondam no seu uso cotidiano da publicação. Ou talvez, na continuidade de nossa relação de trabalho com os Kuikuro, descubramos que essa questão nunca foi respondida, e que mesmo a organização do dicionário foi repensada sobre outras lógicas e outras categorizações. De toda forma, e afinal de contas, este processo de dicionarização, de criação de um artefato metalinguístico que pode inclusive participar também do regime de produção de corpos, é um caso particular da maneira mais geral e mais ampla de como, acreditamos, devem ser os trabalhos de documentação e produção de conhecimento entre linguistas e antropólogos e populações indígenas: descentralizados, testados no campo e, sobretudo, repensados para que sejam relevantes para as populações em questão.

---

<sup>9</sup> O termo ‘hiper-ser’ é utilizado, dentre outros autores, por Franchetto (1992) de forma a escapar dos equívocos e vícios de palavras carregadas, como ‘espírito’. Os Kuikuro, quando traduzem o termo, também usam ‘bicho’.

Em seu livro póstumo intitulado 2666, o autor chileno Roberto Bolaño conta uma curiosa anedota fictícia através da perspectiva de um de seus personagens: como presente de casamento à sua irmã, o artista surrealista Marcel Duchamp teria oferecido instruções de uma obra, que consistia em pregar em um varal de roupas um livro de geometria e observar a resistência de uma ciência exata à chuva, ao sol e ao vento. Essa imagem, apesar de proveniente de uma realidade bastante distinta, oferece um eco curioso aos troncos do Kuarup<sup>10</sup>, jogados no chão depois do fim da festa. Um ser-objeto que foi composto e fabricado durante horas para ancorar, pela última vez, a presença de um morto importante e homenageado torna-se, com o fim das homenagens, uma coisa vazia, derrubada na praça central, rolada para dentro dos rios e lagos ou utilizado como banco para jovens namorados.

Apesar do contraste aparente entre esses dois estados, essa é, afinal, uma transformação, um processo, e importam muito pouco os seus pontos de início e de fim. As efígies mortuárias estão longe de ser o centro concreto (GUERREIRO, 2015) do Kuarup, ainda que, à primeira vista, pareçam ser seu foco. Da mesma forma, o interesse da obra fictícia de Duchamp no interior da ficção de Roberto Bolaño não é o desgaste final do livro, destroçado pelo clima, mas sim o tempo que passa no varal, as transformações que vão sendo impressas ao seu corpo de papel pelo sol, a chuva, o vento. Quanto ao dicionário kuikuro, esse híbrido entre conhecimentos modernos e nativos, em última instância, o que desejamos, e o que podemos desejar, é que se torne também, ele mesmo, ao longo de sua existência na aldeia de Ipatse, *kengikogu*, ‘nossa coisa’.

## Referências

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*. Lexikon, 2016.

BASSO, Ellen B. *The Last Cannibals: A South American Oral History*. University of Texas Press, 1995.

FAUSTO, Carlos. Chiefly jaguar, chiefly tree: Mastery and authority in the Upper Xingu. In: KOSIBA, Steve, JANUSEK, John Wayne; CUMMINS, Thomas B. F. (Org.) *Sacred Matter: Animism and Authority in the Pre-Columbian Americas*. Dumbarton Oaks, 2020.

---

<sup>10</sup> A efígie mortuária é chamada *etita*, em kuikuro. Sua fabricação remete ao conjunto de narrativas de origem dos gêmeos Sol e Lua, filhos de uma mulher de madeira. A própria festa interétnica do Kuarup, apesar do nome popular de origem arawak, é chamada *egitsu* em kuikuro.

FRANCHETTO, Bruna. *Falar kuikuro: estudo etnolinguístico de um grupo Karibe do Alto Xingu*. Tese de doutorado. Museu Nacional – UFRJ. Rio de Janeiro, 1986.

FRANCHETTO, Bruna. O aparecimento dos caraíba: Para uma história kuikuro e alto-xinguana. In: CUNHA, Manuela Carneiro (org.). *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras, 1992.

FRANCHETTO, Bruna. The ergativity effect in Kuikuro (Southern Carib, Brazil). In: GILDEA, Spike; QUEIXALÓS, Francese (org.). *Ergativity in Amazonia*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

FRANCHETTO, Bruna. Count, mass, number and numerals in Kuikuro (Upper Xingu Carib). *Linguistic Variation*, Volume 20, Issue 2, 2020. pp. 255–270 (16).

FRANCHETTO, Bruna. Língua(s): cosmopolíticas, micropolíticas, macropolíticas. *Campos*, v. 21, n. 1, 2020.

FRANCHETTO, Bruna. Amerindian conceptions on ‘writing’, as object and practice. *J Cult Cogn Sci* 5, 85–100 (2021).

FRANCHETTO, Bruna; SANTOS, Gélsama Mara Ferreira. Cartography of expanded CP in Kuikuro (Southern Carib, Brazil). In: CAMACHO, José; GUTIÉRREZ-BRAVO, Rodrigo; SÁNCHEZ, Liliana (Org.) *Information Structure in Indigenous Languages of the Americas, Syntactic Approaches*, v. 1, p. 87-113. New York: De Gruyter Mouton, 2010.

HECKENBERGER, Michael. *The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000*. Routledge, 2005.

GUERREIRO, Antonio. *Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia Kalapalo e seu ritual mortuário*. Editora da Unicamp, 2015.

KOHN, Eduardo. *How Forests Think: Towards an Anthropology Beyond the Human*. University of California Press, 2013.

MAIA, Marcus; FRANCHETTO, Bruna; LEMLE, Miriam; VIEIRA, Marcia Maria Damaso. *Línguas Indígenas e Gramática Universal*. São Paulo: Contexto, 2019.

SÁ, Thiago Braga. *Esboço de uma topogramática alto-xinguana: reflexões em torno de chefes, aldeias e dêiticos espaço-temporais em kuikuro*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Museu Nacional – UFRJ), 2021.

SILVA, Glauber Romling; FRANCHETTO, Bruna. Prosodic distinctions between the varieties of the Upper-Xingu Carib language: results of an acoustic analysis. *Amerindia 35: La structure des langues amazoniennes II*. 2011. Pp. 41-52.